Revista

nº 7

AVESSA

Autoral, criativa e diferente

Autores

Ayumi Teruya
Rone Cristiano da Silva
Saullo Rosa
João Rocha
Anna Kurtnner

Meg Cabot vem ao Brasil e encanta fãs

O maior tesouro

Conto por B. Craus Nantai

Equipe

Editora-chefe
Mayara Barros

Conselho Editorial
Claudia Bianco
Marina Brandão
Mayara Barros
Vitória Pratini

Projeto Gráfico
Claudia Bianco
Marcelle Andrade
Mayara Barros
Victor Vicente
Vitória Pratini

Jornalistas
Claudia Bianco
Marina Brandão
Mayara Barros
Vitória Pratini

Colunistas
B. Craus Nantai

Ilustração de Capa
B. Craus Nantai

Revisão
Claudia Bianco

Contato
contato@revistavessa.com
www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745
Facebook: /revistavessa
Twitter: @RevistaAvessa

A revista Avessa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

Nº 7 Nov/Dez 2015

Editorial

A sétima edição da Revista Avessa está no ar!

Ficamos muito felizes e orgulhosas em receber tantos feedbacks positivos e tantos textos bons a cada edição, e estamos cada vez mais motivadas a continuar com o projeto. Nem sempre todas nós da equipe da Revista Avessa estamos disponíveis para o projeto, devido a nossos compromissos de trabalho, estudo e vida pessoal, tanto que a editora Mayara Barros pediu que eu escrevesse esse editorial para vocês.

Mas, entra mês, sai mês, e a cada dia, temos nos esforçado mais para não deixarmos de publicar um novo edital, selecionar os textos e colocar no ar uma nova edição. Procuramos sempre manter a mesma dedicação e a mesma paixão pelo mundo literário que nossos leitores têm.

Agradecemos pelo apoio, pelos comentários e por vocês terem nos acompanhado até aqui. Para os que chegaram agora, sejam bem vindos, a porta está aberta!

Vitória Pratini

Vitória Pratini

Editora

5 prosa
A janela da família
Ayumi Teruya

7 prosa
Esmola valiosa
Rone Cristiano da Silva

14 crônica
Minha família existirá. E com bolo de fubá
Saullo Rosa

16 artigo
Meg Cabot vem ao Brasil e encanta fãs

O maior tesouro 19
B. Craus Nantai coluna

O lúdico abandono 21
João Rocha prosa

Árvore de natal 23
Anna Kurtnner prosa

A janela da família

Ayumi Teruya
pamelayumi7@hotmail.com

Uma adolescente de dezoito anos que adora ler e escrever, desde os sete anos criando mundos e inventando histórias para tornar o mundo um lugar mais divertido. Tem o sonho de ser psicóloga e nas horas vagas quer ser escritora. Blogueira por hobbie, escritora por paixão.

Cresci vendo a minha família, uma bem grande por sinal! Era um amor tão visível que cada um tinha pelo outro, eu sorria cada vez que me lembrava daqueles momentos felizes. Uma alegria me invadia todas as vezes que estávamos juntos.

Papai sempre ocupado durante o dia, mas voltava de noite com um sorriso no rosto e abraçava a todos os filhos com carinho, essa é uma das cenas que me lembro bem. O olhar caído logo se iluminava com todo aquele amor compartilhado em beijos e abraços.

Mamãe cheirava a canela! Sempre tinha um enorme sorriso no rosto, não importava o que fosse. Trabalhava em casa cozinhando, seus doces e bolos eram lindos! Lembro de ter ficado muito tempo encarando aquele glacê cor de rosa e as flores de açúcar! Tudo era tão perfeito com ela! Eu me sentia segura, conseguia ver o carinho e cuidado que ela tinha com todos! Poderia ficar abraçada a ela e nunca me soltar! Ela era a rainha boa dos meus contos de fada.

Os meninos sempre foram meio chatos, bagunçavam a casa toda e discutiam com a mamãe, nunca gostei dessa atitude deles, mas eles eram bem mais velhos e eu nunca pude fazer nada... Fora isso, eles eram bem divertidos e alegres. Eles traziam a diversão para casa! Vi os dois descendo as escadas pelo corrimão, pulando o mais alto que podiam do sofá e apresentando as futuras namoradas para a mamãe.

A vovó e o vovô vinham de vez em quando. Eles tinham um cheiro engraçado de lavanda e adoravam apertar bochechas! Era bem engraçado ver as marcas dos dedos finos deles no rosto, isso já era um aviso para fugir antes que eles nos encontrassem! Muitos presentes eram trocados e as bolachas de coco da vovó eram deliciosos! Sempre tive vontade de pedir por mais, mas sabia que ela fazia contadinho para cada um, assim não haveria briga.

Tudo estava bem e tudo era lindo, até que papai e mamãe tiveram algumas brigas. Os outros não pareciam notar, mas eu sabia que havia algo de errado... então eu fechava os olhos e

fingia que aquilo nunca aconteceu.

Um dia, acordei assustada com o barulho da porta batendo, levantei desesperada e olhei pela janela, lá estava mamãe chorando... eu queria abraça-la e dizer que tudo ficaria bem, mas eu não podia... Papai passou do meu lado e encarou-me com desdém. Fechei os olhos e torci para que aquilo não estivesse acontecendo. O tempo passou, os dois fizeram as pazes e os meninos já estavam no auge da adolescência, muitos problemas começaram a surgir... eles brigavam o tempo todo com os pais e não os respeitavam de maneira alguma... Eu queria poder falar algo e defende-los, mas eu nunca pude...

Acordei em um dia extremamente frio. Fumaça saía da boca das pessoas que conversavam na rua. Senti alguém tocando em minhas costas e lá estava vovó! Ela sorria para mim com compaixão, eu só retribui.

— Aqui está, pequena... Biscoitos e um cobertor quentinho! — ela os entregou para mim.

— Muito obrigada! — ela assentiu com a cabeça e depois entrou na casa.

Encarei aquela janela mais uma vez. Eles podem não ser a família perfeita; o pai viciado em trabalho, a mãe queima cada prato novo e os filhos são mal-educados; mas essa era a família que eu queria ter. De longe eles pareciam ser felizes, todos ali aceitavam as falhas um do outro e conviviam juntos, apesar das dificuldades. Isso é uma família de verdade! Nada precisa ser perfeito, somente real... Tantos perdem aquilo que está bem a sua frente e outros sonham em ter aquilo sem chances de alcança-lo.

O amor entre os entes queridos é nítido na presença de cada um. Fazer parte de uma família é crescer com aqueles que nos entendem e nos protegem... Eles são os únicos que estarão lá em todos os momentos mágicos e íntimos.

E pela última vez eu encarei aquela janela. Deixaria ali mais uma família que eu admirara por anos em busca de alguma que me acolha. Assim, algum dia, eu finalmente farei parte de algo grande, parte de algo magnífico.

A prisão das almas

Rone Cristiano da Silva
ronecsilva30@gmail.com
Facebook: /ronecristiano.silva.1
Wattpad: /user/RoneCristianoSilva

"Trabalha com processamento de dados, nas horas vagas gosta de ler e escrever muito. Pubblica semanalmente um capítulo de seu livro "O Último Drink" na plataforma gratuita Wattpad. Para 2016, projeta um novo romance de fantasia, por ora intitulado "O Universo de Darker". Seu sonho é compartilhar suas histórias para mais e mais pessoas e adquirir mais experiência na área literária."

Antenor bateu com o punho cerrado sobre a mesa. O coração de Eulália deu um pulo e ela ofegou. Seu lábio inferior tremeu e os olhos dobraram de tamanho:

—Definitivamente, NÃO! É uma insensatez! — ele bradou, um fio de saliva escorreu pelo canto da boca.

—O dono da loja é meu primo. Ele concordou com o plano. É o único jeito de convencê-lo a voltar para casa! — insistiu Francisca, um tom de impertinência na voz.

—Mas ele nos ROUBOU! Sinto muito, filha, você merece coisa melhor…

—Botelho errou, eu sei! Mas ainda é meu marido e o membro mais importante da família!

—O maior erro foi o SEU, por se casar com ele. Um vagabundo sem eira nem beira…

—Não fale assim na frente da menina! — Francisca ralhou; os olhos da filha de dez anos continuavam esbugalhados. Ia se levantando para deixar a cozinha. Sentia que não teria apetite naquele cômodo por um bom tempo. Antes de cruzar a porta, a mãe falou em sua direção:

—O quê acha da ideia da mamãe, meu amor? — Afinou exageradamente a voz.

"Lá vem ela de novo! Ainda me trata como um bebê. Só não gosto de ouvir brigas, só isso! Sei que meu pai foi preso por roubo, ficou um ano atrás das grades e agora o arrependimento e a vergonha não o deixam voltar pra casa. Acho que sou a principal razão. Ele deveria ser meu exemplo e fracassou."

—Está me escutando, filhinha?

—Deixe minha neta fora disso, a opinião dela nada importa! — retrucou o avô ranzinza.

—A ideia é ótima, mamãe, com licença!

Ela saiu regozijando. Ficaria em silêncio se Antenor não a tivesse provocado.

"Claro, minha opinião não importa porque ele também me trata como um bebê!"

Francisca não desperdiçou um só dia de visita enquanto Bo-

telho esteve sob reclusão. E em todas as ocasiões, deparava-se com as lamúrias do marido, a dor da culpa, a derrota como pai de família e homem. Queria se punir pela fraqueza que tivera.

Tudo começou há quase dois anos, quando o desemprego bateu a porta da família Venâncio. Desesperado, Botelho comprava os jornais aos domingos, consultava o Modulinho em busca de um cargo que se enquadrava em seus conhecimentos. Com nenhuma noção de Informática, as opções eram ínfimas.

Certo dia, enquanto enfrentava uma fila quilométrica em uma agência de emprego sob um sol que queimar os ossos, um rapaz bem-afeiçoado o abordou. Vestia camisa de linho branco e calças de cetim. Os sapatos encerados reluziam. Parecia um empresário que nada tinha a fazer numa fila de emprego. Entregou um cartão a Botelho, cumprimentando-o com um leve aceno de cabeça. O Sr. Venâncio, passando rapidamente um lenço na testa para secar o excesso de suor, olhou sem muito interesse ao pedaço de papel grosso dosado de cores berrantes. Era um convite para a estreia de um novo cassino no centro da cidade.

Botelho fantasiou por um instante as luzes tentadoras de Las Vegas, onde centenas de homens endinheirados faziam suas apostas em casas de jogos. Por ali, era raro lugares como esse. Ele não era homem de apostas. Nunca jogara na loteria, nem comprara uma Tele Sena sequer. Sempre se julgou um azarado nessas coisas.

Porém, ao ser ludibriado novamente naquela agência após horas de espera, ele olhou de novo aquele cartão e viu uma luz no fim do túnel.

"E se eu fizesse uma aposta na roleta? Só uma, afinal, parece tão fácil. Só fazer um lance com aquelas fichas coloridas e tentar a sorte num número. E torcer para a bolinha cair nele. Quem sabe não é um sinal para eu mudar de vida e dar conforto a sossego a minha família?"

Bom, ele compareceu a inauguração do cassino. Chegou tímido, mentiu para a esposa dizendo que ia visitar um amigo; trajou uma camisa simples, uma jaqueta de couro surrada e calça jeans, bem informal. Coçou o cabelo, deu um sorriso aos olhos que o encaravam e partiu para o balcão de drinques. Achava que não seria capaz de concretizar uma aposta se não tomasse ao menos uma lata. Ele nunca passara do limite com o álcool.

Mas ali precisava redobrar o cuidado. Todo o ambiente favorecia a euforia. Uma mulher exuberante, com um vestido

vermelho justíssimo, o tomou pela mão esquerda onde jazia a aliança de casamento. Botelho recuou o braço como se tivesse enfiado os dedos molhados numa tomada:

—Calma, moço! Só quero oferecer nossos serviços. Sou uma das assistentes das mesas.

—Desculpe, eu estava distraído! — ele realmente se distraiu contemplando o decote da assistente loira.

Todas as funcionárias se vestiam assim. E todas pareciam modelos. Botelho ficou rodeado por duas delas quando encostou numa das longas mesas, cobertas por um pano verde, onde era desenhado um tabuleiro cheio de números. Após duas cervejas, ele fez uma aposta modesta. Afinal, trouxe pouco dinheiro, as economias que guardara do seguro-desemprego. Escolheu o número 36, equivalente a sua idade. A roleta girou e a bolinha foi lançada. Quicou em vários algarismos e cores e quando pousou na casa de número 36, Botelho deu um salto e foi abraçado pelas duas assistentes. Dessa vez não se esquivou.

Ganhou o dobro da quantia que trouxera. Foi então que cometeu o grande erro: apostou tudo na tentativa de quadruplicar o valor. Dessa vez perdeu. Suas fichas foram puxadas junto com seu ânimo e esperança.

Aflito por estar sem dinheiro algum para pagar as despesas da casa e comprar mantimentos, ele tomou uma atitude ousada: foi na mesma noite a casa do sogro pedir um empréstimo. Foi recebido com a frieza característica de Antenor:

—Já deveria ter arrumado um emprego! Com o quê vai sustentar tua família?

—É por isso que estou pedindo sua ajuda. Prometo pagar um pouco por mês até voltar a trabalhar.

—Se não fosse pelo bem-estar da minha filha e neta, deixaria você passar fome! Aguarde na sala de visitas.

Antenor era tão rico quanto avarento. Botelho acomodou-se numa poltrona e soltou uma baforada contra a mão em concha perto das narinas para se certificar que o hálito da cerveja não era tão evidente. Se fosse ainda menos ajuizado, encheria a cara no próprio cassino e teria que ser levado para casa.

Enquanto esperava, uma idosa arrastou as pantufas até ele. Tinha o ar pálido e cansado, olhos fundos e quase sem brilho. A esposa de Antenor sofria de um caso avançado de Alzheimer, aos setenta anos. Era constantemente vigiada e deveria dormir aquela hora.

—Quem é você, menino?

—Sou seu genro, Sra. Domingues, Botelho Venâncio, me casei com tua filha Francisca. —ele se lembrou de ter dado essa informação ao menos três vezes nos raros encontros com a sogra.

—Ah, a Francisca. Ela sonha em um dia ser mãe, não é?

—Ela já é, senhora. Nossa filha Eulália tem dez anos! —acrescentou, sem muita paciência em levar o papo adiante.

—E por que está aqui?

—Seu marido vai me emprestar dinheiro porque estou desempregado. Com licença, vou ao banheiro.

A moradia de Antenor era abafada e o genro endividado repousou sua jaqueta ao encosto da poltrona. Ficou andando em círculos por quase dez minutos entre os azulejos do toalete, pensando em como contar a esposa a origem de sua dívida com o homem mais mesquinho da face da Terra. Quando formulou a história de um assalto e regressou à sala de visitas, o sogro já batia o pé diante dele. Fora esse movimento parecia uma estátua de braços cruzados. Em uma das mãos trazia um cheque. A mulher seguramente fora dormir. Antenor não precisava saber da verdade. A aposta no cassino seria um segredo a ser levado ao túmulo.

—Espero que isso supra as necessidades de MINHAS meninas. E se eu souber que voltou a beber, cobro tudo de uma vez e com juros!

"Velho maldito! Tenho vontade de rasgar o cheque na frente dele e mandá-lo catar coquinhos, mas me conterei, pelo bem de Francisca e Eulália, as meninas DELE!"

Botelho pegou a jaqueta e saiu, mantendo a boa educação. Muitos homens casados tendem a reclamar da sogra. Mas o caso do Sr. Venâncio era o oposto. E teve mais certeza disso ao ser acusado de roubo pelo pai da mulher.

Antenor bateu a porta do casal trazendo dois guardas consigo. Era influente e levava crédito com as autoridades. Até a filha se irritou com a invasão:

—Que faz aqui tão cedo, pai? O que tá acontecendo?

—O traste que tu chamas de marido te contou que esteve em minha casa ontem?

—Sim, ele foi assaltado e perdeu o seguro-desemprego. Mas vamos repor o valor do cheque o mais rápido possível.

—Não estou preocupado com o cheque, querida, falo das

joias da minha mulher. FORAM ROUBADAS! —bufou o velho, as bochechas tão vermelhas quanto o uniforme das moças do cassino.

Eulália e o pai se aproximaram. Este sentia o efeito de uma ressaca, já que não era acostumado ao álcool.

—Não peguei nada da sua casa. Podem procurar, se quiserem!

Com efeito, um colar, uma pulseira e um par de brincos de ouro e diamantes foram achados no bolso interno da jaqueta que Botelho usara a noite. De tão frustrado, ele não teve forças para acusar a Sra. Domingues, que a essa altura já se esquecera de novo que tinha uma filha casada. E ainda faltava o relógio rolex da idosa:

—Conseguiu vender o objeto ontem mesmo, seu gatuno? —sibilava Antenor, destilando veneno e decepção.

Resumindo, Botelho assumiu a culpa e ficou um ano recluso. Na cadeia declarou sua inocência entre um soluço e outro, mas cumpriria a pena como homem. Confessou a fraqueza no cassino, até um rápido desejo por uma loira de vestido agarrado. A Sra. Venâncio o perdoou. Já Eulália nem tinha que saber, afinal, era um "bebê".

Ao recobrar a liberdade, Botelho não tinha aonde ir. Mesmo perdoado, se considerava excluído da família, pois perdera o posto de pai dedicado e honesto. Era uma forma de punição. Foi morar nas ruas, dormir nos bancos de praça ou sob os viadutos.

—Minha mulher fugiu de casa! Ela mal consegue se locomover com a bengala e mesmo assim fugiu! — telefonou Antenor desesperado à filha.

Francisca só pensava em salvar o casamento. Chorou ao saber da morte da mãe, é claro, mas a Sra. Domingues já sofria demais. A aventura fora do lar, um universo desconhecido para ela, acabou com o que restava do coração. Felizmente, falou com um conhecido antes do órgão bombear pela última vez. Pessoas viram a cena e testemunharam posteriormente.

Um mês depois, Botelho dormia em frente a uma loja de TVs de LCD. A lua cheia iluminava ambos os lados da avenida. Francisca pôs o plano em prática. Seu primo abriu a loja. Ligou três aparelhos de diferentes tamanhos virados para a vitrine e introduziu um disco DVD para ser transmitido. As imagens em alta definição banharam a calçada e o dorso do morador de rua com cores dançantes e o som de risadas tocou seus tímpanos

como uma melodia despertadora. Botelho vagarosamente ergueu a cabeça e forçou a vista naquele vídeo. Uma menina de uns cinco anos sendo empurrada por um homem no balanço. A seguir, uma festa de aniversário; a menina, um pouco mais velha, apagando uma velinha e sendo beijada pelo mesmo homem. Risadas, amor, a mais pura felicidade de se pertencer a uma família como a de Venâncio.

"Quem fez isso? Como essa loja obteve gravações minhas com Eulália?"

Sem pensar numa resposta, um líquido morno escorreu pelos olhos do homem, perfazendo um caminho sinuoso pela face coberta de poeira. Ele se comportava como um tolo; deveria ter voltado para seu lar há muito tempo. Escutou passos atrás de si. Levantou-se de um salto e deu de cara com a esposa. Esta chorava também.

Um abraço longo a afetuoso que chamou a atenção de vários transeuntes, arrancando mais prantos.

—Sabia que dormia por aqui. Venho te seguindo há semanas e tive essa ideia. Por favor, volte pra casa! Eu te amo! — ela suspirou.

Quando tudo ia se acertar, Antenor apareceu, a mesma cara de poucos amigos. O genro tirou um objeto de ouro do bolso e o deu a ele:

—Aqui está o rolex de sua esposa, guarde como lembrança. Ela me entregou como se fosse uma esmola, pouco antes do enfarte. Há testemunhas, caso duvide, só que meu nome não foi divulgado nas mídias.

O sogro ranzinza reconheceu o relógio. Já não funcionava, pois a mulher o escondera dentro da caixa de água do vaso sanitário de sua suíte, para testar a resistência contra água. E, é claro, esqueceu-o ali dentro até o dia que fugiu, aproveitando a porta da frente aberta. Apesar da doença, era caridosa. Quis ajudar com suas joias, depois com o relógio.

Toda a mágoa contra o genro acabou naquela noite. Antenor ajudou Botelho a arrumar um bom emprego e nunca mais cobrou o valor do cheque. Ver a filha e a neta felizes como antes valia muito mais do que os dígitos rabiscados ali. O amor à família é o que fazia toda a diferença.

Minha família existirá. E com bolo de fubá

Acompanhar a política nos últimos tempos tem sido um exercício quase masoquista. Além dos escândalos de corrupção que explodem dia sim e no outro também, um novo grupo de políticos tem feito um esforço sub-humano para ser notícia: a chamada bancada evangélica tem colecionado momentos ímpares em 2015, vistos apenas na Idade Média. A última da vez foi a aprovação de um estatuto que determina que o conceito de família deve ser apenas entre homem e mulher. Nada mais.

Para além das discussões políticas, é curioso perceber o quanto os nobres deputados estão completamente desconectados da realidade brasileira. Mais do que as mães e pais solteiros, os orfanatos e os lares homossexuais, os congressistas desconhecem a existência dos laços de amor que unem e aproximam os seres humanos. É mais do que claro que suas decisões são tomadas mais por convicções religiosas do que reflexões sobre a sociedade brasileira, mas, em sua aprovação, esse estatuto nega mais do que reconhecimento a tantas famílias, nega também direitos conquistados a duras penas.

Tenho certeza que a opinião dos deputados pouco importa aos lares que não se encaixam nos padrões. O amor não se muda a canetada e os laços não se dissolvem por ordens judiciais. Enquanto eles tentam limitar o amor entre as famílias brasileiras, elas tem preocupações mais importantes e, acima de tudo, limite de amor não é uma delas, pelo contrário. No coração de mãe sempre cabe mais um, seja gerado, criado, adotado e, até mesmo, deputado.

Não cabe a vocês, nem a ninguém, determinar o que compõe a minha ou qualquer família no Brasil ou no mundo. Mais do que limitar as relações, isso limita os afetos e as possibilidades de arranjos que os laços podem criar. Mães, Pai, Tio e Primo são apenas nomenclatura de representações sociais que explicam

grau de parentesco, mas um lar é muito mais que isso. Infinitamente mais que isso.

Mesmo hoje, solteiro, já amo e planejo minha família e as linhas do torto estatuto não limitarão a existência dela. Muito mais do que por dois homens, meu lar será formada por amor, companheirismo, bolo de fubá e todos os ingredientes necessários para agregar o máximo de vida possível, diferente da dos congressistas brasileiros.

Acreditem, suas pedras não impedirão o fluxo de amor. Nós inventaremos novos caminhos e desaguaremos num futuro onde a casa do povo será um reflexo da casa dos milhões de brasileiros.

Minha família existirá, nobre deputados, e nosso bolo de fubá estará na mesa aos sábados de manhã, sendo devorado entre histórias de como o ano de 2015 foi terrível. Mas virou história, assim como a Idade Média.

Saullo Rosa
saullo.brito@gmail.com

Foto: Humberto Souza/Saraiva

Meg Cabot vem ao Brasil e encanta fãs

Uma das autoras de livros adolescentes mais famosas nos últimos anos esteve no Brasil pela segunda vez no mês de outubro. Meg Cabot, que já viera ao país em 2009 na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, desta vez veio para lançar o livro O Casamento da Princesa e a versão comemorativa de 15 anos de O Diário da Princesa. Ela autografou suas obras em diversas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

A Revista Avessa esteve presente na tarde de autógrafos do Rio e conta para vocês como foi. Às vésperas da chegada de Cabot à cidade, centenas de meninas - e também alguns rapazes (afinal, a leitura dos livros da autora não é exclusiva feminina; apesar do público ser, em sua maioria, mulheres) - confirmavam presença no evento criado pela editora Galera Record no Facebook.

Para garantir seu lugar, muitas leitoras chegaram ao local cerca de três horas antes da retirada das senhas de autógrafos, que aconteceu às 10 horas da manhã do dia 23 de outubro, no Shopping Rio, na Zona Sul do Rio de Janeiro. O alvoroço era tanto que, conforme a fila aumentava, os posts da página do evento cresciam, com a ansiedade de mais de 300 fãs que foram conferir seu ídolo da literatura juvenil. Na fila, um grupo de leitoras assinou uma bandeira do Brasil que foi presenteada a Cabot.

A tarde de autógrafos só começaria às 17 horas na livraria Saraiva do mesmo shopping. Portanto, como a maioria dos eventos literários que contam com a presença de autores, era preciso que os leitores fossem ao local pela manhã e retornassem no final da tarde, em um horário próximo daquele indicado em sua senha. Muitas pessoas que garantiram seu lugar na fila de autógrafos ficaram esperando no shopping até o horário de conhecer Meg Cabot. Outras tantas foram para casa ou para o trabalho e, mais tarde, retornaram. Algumas delas, inclusive, pediram dispensa do serviço.

Lais Eirin, de 23 anos, foi uma dessas jovens. Frustrada por não ter conseguido o autógrafo da autora na Bienal do Livro de 2009, a leitora não perdeu tempo em confirmar presença no evento deste ano, logo que a Galera Record fez o anúncio no Facebook. A expectativa era grande, afinal, ela esperava por isso há muito tempo. Com receio de não conseguir comparecer por o trabalho, que é no Centro, Lais pediu a sua chefe para sair mais cedo neste dia. Na fila, a menina estava tranquila, porém, ansiosa para perguntar à autora novidades sobre o próximo livro de Cabot, a continuação de A Mediadora, a série favorita de Lais.

Na saída, depois de ter conseguido seu autógrafo nos livros O Casamento da Princesa e A Mediadora - A Terra das Sombras, Lais, exibindo um sorriso de orelha a orelha, contou como foi conhecer Meg Cabot: "Foi muito bom! Ela é muito simpática e muito fofa, como já tinham me dito que ela era. Valeu a espera. Falei que estava empolgada com o novo livro e ela me disse que sai em junho. 'Você é um doce' ela falou pra mim".

Já Evelyn de Oliveira, de 20 anos, também saiu mais cedo do estágio para encontrar com Meg, mas teve a vantagem de trabalhar um pouco mais perto: em Botafogo, na Zona Sul do Rio. Ela também não conseguira o autógrafo de Cabot em 2009 pois a fila estava imensa, mas, desta vez, chegou cedo e garantiu seu lugar. Ela levou o livro Avalon High; Assombrado, um de seus exemplares da série A Mediadora, e a edição comemorativa de O Diá-

Foto: Humberto Souza/Saraiva

Lais Eirin depois de conseguir autógrafo que tanto queria

rio da Princesa - o primeiro que ela lerá da saga da personagem Mia Thermopolis.

Nervosa e sorrindo sem parar, Evelyn conta que lhe faltaram palavras de tanta emoção que foi conhecer seu ídolo da literatura. "Eu não sabia o que falar, eu travei, estava suando frio, tremendo, mas consegui dizer a ela que amo o Jesse (personagem de *A Mediadora*)." A leitora ainda disse que Cabot foi muito fofa, deixando que os leitores a abraçassem. "Dei uns dois abraços nela!", comenta.

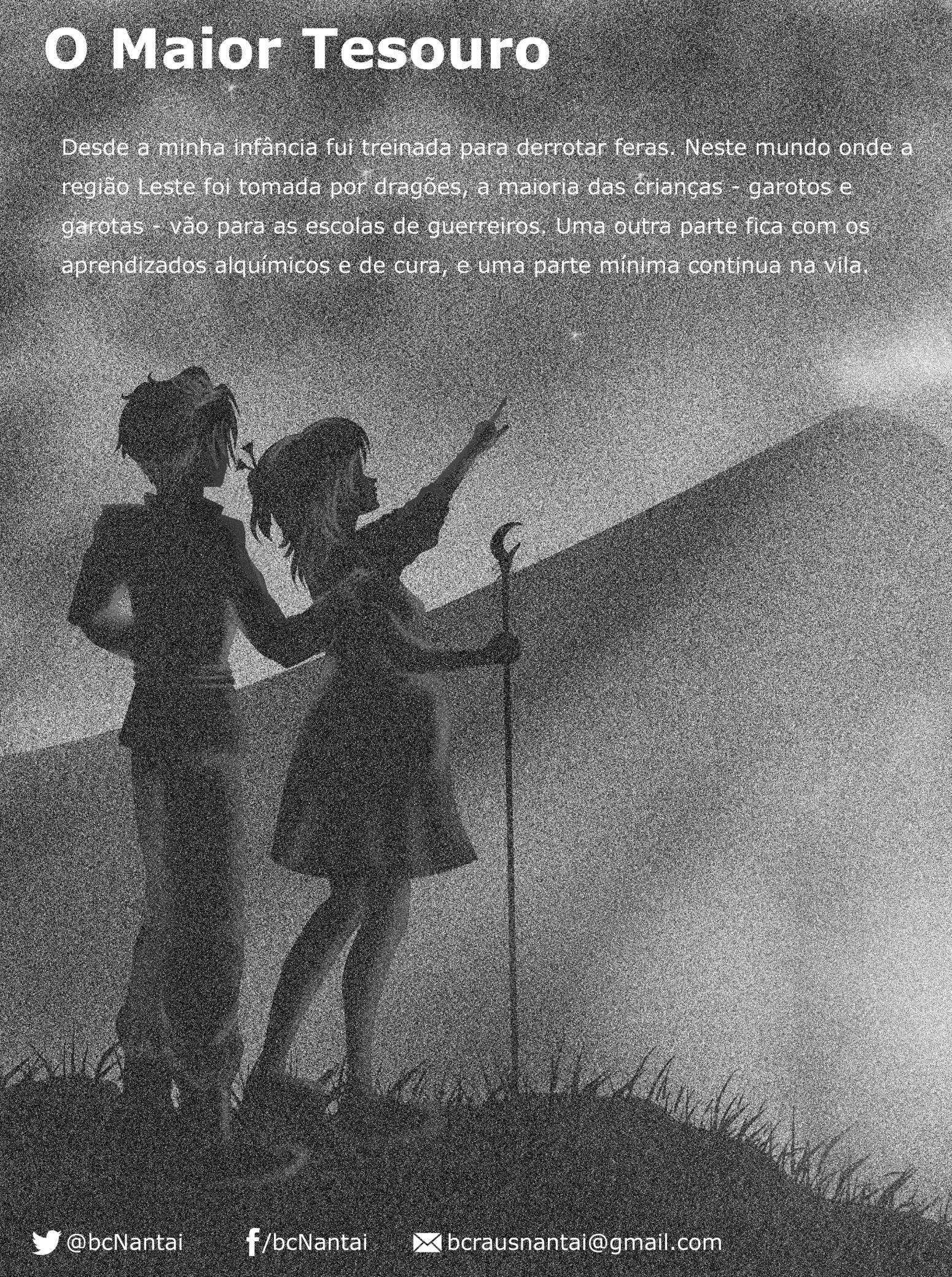
A repórter da Revista Avessa que foi ao evento também pegou autógrafos de Cabot em seus livros – nas edições O Casamento da Princesa, Avalon High e Liberte Meu Coração (livro escrito por Cabot como se fosse a personagem Mia. Ao contrário de Lais e Evelyn, esta que vos fala, encontrou a autora pela segunda vez, pois, em 2009, conseguira uma senha na Bienal do Livro do Rio.

Meg Cabot encantou gerações de meninas com títulos como A Mediadora, Garota da Casa ao Lado e, principalmente, O Diário da Princesa, adaptado para os cinemas em um filme que revelou Anne Hathaway. O Casamento da Princesa, publicado este mês no Brasil, conta a história do casamento real de Mia Thermopolis com seu namorado Michael e ainda revela um segredo do qual a princesa não estava preparada para encarar. Segundo a autora comentou com os fãs, é um universo bastante diferente do retratado no segundo filme da franquia, O Diário da Princesa - Casamento Real, que não foi diretamente baseado em nenhum livro dela.

Vitória Pratini
vitoriapratini@revistavessa.com

O Maior Tesouro

Desde a minha infância fui treinada para derrotar feras. Neste mundo onde a região Leste foi tomada por dragões, a maioria das crianças - garotos e garotas - vão para as escolas de guerreiros. Uma outra parte fica com os aprendizados alquímicos e de cura, e uma parte mínima continua na vila.



@bcNantai /bcNantai bcrausnantai@gmail.com

Nunca foi fácil viver assim, viajar sem nunca criar raízes. Perder companheiros para as garras daquelas criaturas estava se tornando corriqueiro. Por isso, decidi que não teria mais amigos.

"E sentiu-se livre, finalmente?"

Pensei que sim. Incicialmente ficou mais fácil correr atrás dos tesouros e de relíquias de valores inestimáveis. Era somente eu e o mundo. Eu e meu cajado.
Mas então aquele rapaz apareceu. Eu não queria mais amigos, não queria ninguém em minha jornada, mas ele insistia em me seguir, dizendo estar apaixonado.
Tive de tirá-lo das garras de uma tribo de horrendos lestrigões, perdendo assim a chance de obter a tabuleta de Esmeralda do templo de Loyamées.

"Uma perda lastimável"

Não.
Foi neste dia que percebi o quanto o amava. O quanto o amo. Foi quando entendi que nosso maior tesouro não está nas pedras vindas da terra, mas sim de espíritos dos céus.
E o maior deles, o mais inestimável, cresce agora em meu ventre.

Nantai

O lúdico abandono

Como uma criança num reencontro há dias desejado e com hora marcada. Era o que expressava o rosto de Ayo antes de ser surpreendido pela mãe entrando pela porta – que antes daquele momento – não era apenas a entrada do quarto e sim também a passagem para um elementar portal de sensações oníricas. Ali ele foi testemunha do carinho dela para o irmão mais velho. Ayo em alguns momentos já havia desconfiado que talvez Fernando fosse mais garboso e mais amado que ele.

Ayo apenas olhou, acuado, vendo o irmão desembrulhar o presente, que era curiosamente, algo que Ayo sonhava dedos tempos remotos. Ficou inquieto. A mãe dizia coisas em tons quase imperceptíveis a Fernando, esse ria contido – o que era mais intrigante – nunca olhavam para nosso herói. O menino se cobriu completamente a fim de começar um drama recorrente nas esferas da infância. Porém, sem efeito dessa vez. Resolveu assoar o nariz – simulando o início de um choro – mas nem a mãe, nem o mano se mostravam comovidos. Então aí desenrolando os pés do lençol e desafogando a cabeça – como que submergindo de algum tipo de afogamento – grita roucamente como se voz de homem fosse: "Mãe!". O grito – garanto – poderia ser ouvido em todo o quarteirão, entretanto, nem seque mexeu nos laços meticulosos do presente que estavam espalhados pela cama.

Agora sim ele começava a chorar silenciosamente voltando para dentro dos lençóis.

Ela deu um beijo demorado nas bochechas-maças de Fernando. Palavras doces também foram ouvidas por Ayo antes de ela fechar a porta lentamente. Ayo ficou ali, oprimido. O irmão deitou e virou para a parede se abraçando ao desconhecido brinde materno. A madrugada para Ayo iniciava o fim de sua infância? Lagrimou e pensou nos pássaros e nos rios, mais precisamente; qual dos dois o levaria embora?

Tudo voltou ao silêncio. Era um silêncio que antes o assustava quando a noite adentrava friamente, não obstante – agora

– apenas complementava sua dor de criança. Ayo no alto de sua pequena idade levantou; percebeu o quanto já era tarde pela posição do relógio e abriu secretamente a porta descendo – titilantemente – a escada. Vasculhou as gavetas da estante na sala escura a procura de algo. Encontrou um lápis e subiu rumo à cama. No entanto, adormeceu. Lá fora cães ladravam initerruptamente e a lua acaricia a janela azul do quarto…

Ah os intensos beijos da mãe acordando Ayo assustado. Olhou para ela com olhos um tanto inchados. Certa raiva logo dissipada. Olhou-a bem nos olhos. Procurava ali as razões para o evento passado. Para algo que ele nem imaginava como os adultos chamavam. Um sentimento pontiagudo o fazia tropeçar nas poucas palavras que tentou balbuciar. Ela apenas sorriu timidamente enquanto seu corpo macio apertava Ayo como em uma adiada despedida. Ela permaneceu intacta por um tempo impreciso. "Esqueceu de mim mãe". Ela apenas sorriu. – Foi apenas um sonho menino, dorme. E esse lápis nos dedos?

Ayo não respondeu...

Tudo que talvez a criança quisesse era poetizar sua solidão – como fazem os poetas. Ou escreveria – a partir daquela noite – versos dilacerantes. Ou desenharia pequenas casas num descampado perfeito, no entanto, sem cores.

João Rocha
lllleno@yahoo.com.br

Escritor da cidade de Marituba, Belém/PA. Está na antologia de contos *A Mulher de Branco, e outras mentiras verdadeiras*, lançada em 2015. Escreve contos e artigos para o site português Obvious desde 2012. Têm publicações nas revistas Subversa e Walking in Briarcliff,z nos sites literários LiteraturaBR, Cronópios, e mantem o blog de prosas breves *Outrotexto*.

Árvore de Natal

Não há presente maior que a família reunida no Natal.

— Mas que família?

***

Dez anos atrás, Meire decidiu ajudar a irmã mais velha num projeto inusitado — inaugurar uma loja de doces. Leny havia partido para trabalhar em outro país e mandava dinheiro para Meire, que com muito trabalho, organizou e criou do nada, uma linda loja de doces. O lugar era simples, mas a prosperidade não demorou a chegar. Em dois anos, a loja já era um grande sucesso, aumentara de tamanho em tempo recorde e gerou muito dinheiro para as duas irmãs, que na ocasião eram sócias.

Três anos se passaram e Leny voltou, com mais dinheiro para investir na loja e muita vontade de trabalhar, afinal, a loja era conquista de todo seu trabalho e sacrifício, era a prova que todo seu suor valeu a pena.

O tempo passou e as irmãs não se entendiam mais.

Durante o tempo que esteve em outro país, Leny trabalhou muito e esqueceu o que era amar. Quando voltou, estava uma pessoa fria e não demonstrava mais sentimentos pela família, e não demorou muito para que ela colocasse seu dinheiro acima de tudo e de todos. Meses depois Leny rompeu sua sociedade com Meire sem pestanejar, sem remorsos e sem gratidão alguma por tudo que a irmã havia feito por ela, com tanto zelo e honestidade.

A família não era mais a mesma. Leny e Meire contavam com a ajuda das outras irmãs, que trabalhavam na loja como meras funcionárias e os outros irmãos não se manifestavam, decidiram que para o bem da família, invadir o espaço comercial da loja seria um grande problema, o que de fato, os tornavam mais inteligentes, pois cada irmão que invadiu este espaço saiu ferido.

Leny estava pior a cada dia, mas não enxergava que seu coração era puro gelo e apesar de tentar disfarçar sua frieza, sorrias as vezes e outras até abraçava alguém. Afastou-se de todos com a ideia fixa que os que se aproximavam dela, era por inte-

resse em seu dinheiro, quando na verdade, só queriam traze-la de volta.

Muitos se afastaram pois os problemas gerados pela ganância só causaram discórdias e maldizeres. Um ferindo o outro, e Leny, em sua torre, intocável. Meire não sabia mais o que fazer para trazer Leny a sua origem, uma garota de poucas palavras, mas humana.

Leny casou-se, alguns anos passaram e teve seu único filho. Mas nada mudou. Ela não deixava de seguir sua vida, continuava fingindo que estava tudo bem mesmo quando estava tudo horrível, escuro e sombrio.

Sua frieza afetava a todos, inclusive seus afilhados, que na época que fora chamada para madrinha, ainda não era uma pedra, era uma pessoa comum.

Mas brigas só aumentavam. Meire chamou Leny no escritório e desabafou:

— Não vê o que está fazendo com a família? Afastando tudo e todos. Não lembra das pessoas, não as felicita em seus aniversários, nem lembra que sua afilhada existe. E não é presente que estou cobrando, é carinho, mas entendo que isso é algo que você desconhece. Você é uma péssima madrinha, uma pessoa fria, desprovida de qualquer sentimento puro.

— Sei que estou um pouco afastada, mas tenho meus problemas.

— Jura? Todos têm problemas, você não é melhor do que ninguém. Nunca exigi nada de você que não fosse atenção e carinho. Se pudesse voltar, jamais chamaria para ser a segunda mãe da minha filha alguém que não sabe amar.

— Me desculpe, vou tentar melhorar... Mas a conversa não parou por ai. Foi tudo em vão. Leny não mudou. Se fechava ainda mais.

O Natal chegou e as vésperas da festa, ainda não sabíamos onde seria a ceia, que antes era natural ser na casa da Leny, que era um pouco maior e suportava toda a família, que juntando todos os irmãos, com seus cônjuges e filhos, beirava por volta de cinquenta pessoas. Mas dessa vez não tínhamos para onde ir, nem queríamos na verdade. A família se perdera em meio a tantas discussões, tantos baldes de agua fria que Leny jogou em todos.

Maltratou Meire com sua ingratidão. Foi péssima irmã e madrinha. Foi mesquinha e arrogante com seus pais, tendo di-

nheiro para ajuda-los e decidiu se omitir.

— Economizar para que? Pro velório?

Meire estava indignada cada vez mais com as atitudes de Leny, e então decidiu fazer a ceia de Natal em sua casa, mais simples, porém mais acolhedora.

Na árvore haviam poucos enfeites, cercada de caixas coloridas, mas tal como a união da família, as caixas estavam vazias. Bonitas por fora, mas ocas, sem alegria, sem motivos para sorrir, sem nada. O presente que deveria haver dentro das caixas era a demonstração de amor que cada um embalou, fez o laço com carinho e iria presentear seu ente querido com o melhor que podia dar, mas elas estavam exatamente com o reflexo do que a família era agora — vazias.

Mas Meire não desistiu. Sentou ao lado do telefone e começou a ligar — um por um, irmão por irmão, chamando todos para a ceia em sua casa. Chorou quando foi questionada do motivo de estar fazendo isso e depois sorriu, quando cada irmão confirmava a presença na festa.

Leny também foi convidada e para o desespero de Meire, ela aceitou o convite. — Mas porquê? Qual o problema dela? Meire não entendia. Leny fingia o tempo todo estar bem e mesmo diante de sua empáfia, arrogante disfarçada de culta, a sabe tudo, mas ela não sabia mentir. Havia tristeza em seu olhar e no fundo Meire sabia o que sua irmã realmente era — Ela era sozinha. O marido a deixou, não tinha amigos e por conta de seus próprios medos afastou quem mais a amava, que a queria bem de verdade e torcia por seu sucesso, seus irmãos.

Meire sentiu pena dela. Pena por ter se tornado a pessoa que ela era. Depois, sentiu alivio por ter deixado a loja, não queria ser igual a irmã.

E ainda com desconfiança de Leny ter ido à sua casa depois de tudo que havia feito para a família, Meire chamou a irmã de canto e perguntou: — Por que você veio?

Leny, no ápice da sua arrogância respondeu: — Porque fui convidada. Além disso, somos uma família, independente dos nossos problemas.

— Meire, pegue a caixa, trouxe o que faltava para árvore de natal.

Quando Meire abriu a caixa, se emocionou ao ver que estava cheia de bolas de natal transparentes com fotos de cada membro da família, inclusive dos cachorros, que também eram

parte dela.

Elas afastaram as caixas vazias da árvore e em silêncio começaram a preencher os galhos com as bolas personalizadas. Enquanto elas preenchiam a árvore, os irmãos iam chegando e trazendo seus presentes, coloridos e cheios de amor e carinho dentro de cada caixa.

Risadas de crianças ecoavam pela casa que agora já não era mais monótona. Abraços apertados e sorrisos sinceros invadiram e aqueceram o ambiente que antes era só um espaço vazio e frio. A mesa estava cheia de comida sobre uma bela toalha rendada, também trazida por uma das irmãs.

Era meia noite, todos fizeram uma pausa em suas conversas, se reuniram em volta da árvore de natal e apesar das diferenças, por um momento, todos esqueceram suas vidas lá fora e voltaram a ser a grande família que sempre foram.

Meire chorou ao ver Leny abraçando seus afilhados, seus irmãos, seus pais e por fim, a beira da arvore de natal, ajudou os irmãos a distribuir os presentes.

Milagre de Natal ou apenas a vontade de não sentir mais solidão, não se sabe, mas Leny voltou a ser o que era antes, mesmo que seja só por uma noite.

"Não há presente maior que a família reunida no Natal. — Mas que família? "

A resposta para esta pergunta Meire já sabia, e em silêncio, apenas sorriu.

Anna Kurtnner
pakamine27a@hotmail.com

Estudante de Letras. Apaixonada por livros, filmes e rock and roll. Um sonho: publicar um livro. Uma realidade: escrever com o coração. Não sei escrever se não amar a história. "Sem amor, eu nada seria."

Copyright (c) Revista Avessa